Pensamento e compromisso

(Paulo Meksenas: um esboço de figura)

Eduardo Meksenas*

I

O Paulo foi essencialmente um professor. Sua vocação estava entranhada no magistério, tudo o que pensava e fazia tinha como horizonte último, instintivamente, a educação.

E sempre foi assim, desde a adolescência/juventude, quando participava da Pastoral de Juventude do Parque São Lucas e da Zona Leste de São Paulo seguindo a linha teológica da Libertação, animando a formação de Comunidades Eclesiais de Base, motivando as mobilizações para apoio às greves dos metalúrgicos de São Bernardo e vendo formar-se o embrião do que viria a ser o PT, e dando sua contribuição à formação do Núcleo do PT do Parque São Lucas, utopia de esperança democrática real.

Exercia uma liderança que agregava pessoas, impulsionando-as a refletir sobre situações e maneiras de modificá-la, delegando tarefas, repartindo atribuições, compartilhando responsabilidades. É verdade que sempre procurou ligar-se a pessoas que também eram líderes por natureza, jovens cheios de idealismo e ávidos de saber e fazer: esse grupo de jovens distribuídos entre pastorais, CEB's e PT foi a fina flor de uma geração que deixou sua marca histórica na região. Neste aspecto, ele foi um privilegiado, pois contou com a parceria de 15 ou 20 pessoas excepcionais, raras de se ver hoje em dia em termos de ideal e abnegação, e todos apenas na casa dos 15 aos 25 anos ! Eram os anos finais da década de 70 e início dos 80.

* O autor (54), irmão do Paulo, é Licenciado em Letras pela USP

O Paulo era um líder entre líderes, atuando pelo consenso (sempre), buscando o diálogo, dando explicações, justificando decisões e demonstrando exaustivamente o por quê de atitudes que deveriam ser tomadas: o ato pedagógico já enformava suas atividades.

Nosso Pai – velho operário ligado ao sindicalismo metalúrgico militante de esquerda nos anos 40, 50 e 60 – ensinou a ver e entender a realidade sob o ponto de vista social e político pela ótica das maiorias, e não do ponto de vista psico-individual pela ótica das minorias, ou, pior, a ótica do meramente egoísta e pessoal. Ensinou a necessidade de privilegiar as camadas populares em detrimento dos privilégios elitistas. Ensinou a priorizar a democracia verdadeiramente social contra a pseudo-democracia formal das classes possuidoras. A alinhar-se com as necessidades do Trabalho contra os interesses do Capital. Ensinou, enfim, os rudimentos da antinomia entre as classes sociais em permanente disputa.

E a essa lição, que aprendeu pelo exemplo paterno e doméstico, pelo estudo e pela própria militância, Paulo manteve-se coerente de maneira inflexível por toda sua vida desde os 14 até aos 49 anos de idade. O Socialismo entrou cedo em sua vida – mas não o Socialismo estereotipado, o "único realmente existente", não o socialismo apregoado pela URSS ou China ou Romênia, por Stalin/Kruchev ou Mao ou Fidel, o Socialismo dos chavões deterministas da II e III Internacionais – e sim o Socialismo pautado pela democracia da Justiça igualitária no aspecto social, pela democracia equalitária e inclusiva no aspecto econômico e pela democracia verdadeiramente participativa e transformadora no aspecto político.

Sua consciência, coerência e convicção levaram-no a afastar-se da Igreja quando esta tornou-se preponderantemente carismática suprimindo a diretriz da Libertação e praticamente banindo as CEB's, e quando foi eleito o Papa Joseph Ratzinger (aquele que, quando Cardeal, puniu Leonardo Boff).

Afastou-se também do PT já em 2003 (após 20 anos de militância sem ser filiado), quando o governo petista prosseguiu a política neoliberal dos governos antecessores e passou a utilizar os mesmos esquemas de ação escusos e corruptos que denunciava quando era oposição, praticando cinicamente a moral maquiavélica de que "os fins justificam os meios". Sentiu-se traído. Tais afastamentos, apesar de exprimirem coerência e autenticidade, foram duas atitudes que lhe doeram muito.

> *"Hoje eu consigo ver que no tempo da Pastoral eu entendia, intuitivamente, que no horizonte maior da Fé tem que haver a paisagem da Política, porque senão a Fé seria estéril.*
>
> *E agora entendo conscientemente que no horizonte maior da Política tem que haver a paisagem da Educação, porque senão a Política continuará propriedade privada das elites.*
>
> *E ainda tenho pra mim que a Educação deve ser voltada preferencialmente aos marginalizados e excluídos, porque senão perde o seu sentido. O Educador deve ir aonde o povo está."*(sic) (Paulo Meksenas)[**]

Suas primeiras leituras levadas mais à sério foram, a partir da adolescência, de um lado, Leonardo Boff, João Batista Libânio, Gustavo Gutierrez, Frei Betto, Carlos Mesters e as Conclusões do Concílio de Puebla; de outro, Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Rui

[**] Os trechos em itálico são de autoria do próprio Paulo e aqui transcritos fielmente, extraídos da volumosa correspondência mantida com este autor através de e-mail por vários anos e quase diariamente

Facó, Alberto Guimarães, Erich Fromm, Friedrich Engels, Leo Huberman e... Paulo Freire; por fim, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Herman Hesse.

II

Formou-se em Sociologia pela USP, onde também fez o mestrado e o doutorado, e há cerca de 14 ou 15 anos ocupava a cadeira de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da UFSC, onde ministrava aulas na graduação e na pós-graduação, além de responsabilizar-se por alguns orientandos que elaboravam suas teses.

Era rigoroso demais consigo mesmo, cobrava-se de maneira excessiva, ao mesmo tempo em que tinha um rigor relativo com os alunos e motivava-os a cobrarem-se a si mesmos. Nunca repetiu a mesma aula: tinha esquemas de aulas, roteiros de palestras, diretrizes de conteúdo, porém modificavá-os sempre com novas referências teóricas ou abordando os conteúdos sob outros pontos de vista. Vivia para as aulas e os alunos, lendo, escrevendo, pesquisando, deixando outras leituras de gosto pessoal e pesquisas de cunho particular para mais tarde, sempre para mais tarde, "quando tivesse tempo", para as férias, algum feriado inesperado, para quando se aposentasse. Sua usina mental ia anotando tudo, idéias, "insigths", temas, lampejos... – que ia rascunhando ou esquematizando para futuros artigos, ensaios ou projetos de pesquisa.

Entre seus livros publicados estão **"Aprendendo Sociologia**" (Ed. Loyola, 1ª Ed 1985), **"Sociologia da Educação"** (Ed Loyola, 1ª Ed 1988), **"Sociologia"** (Ed. Cortez, 1ª Ed 1994), **"Sociedade, Filosofia e Educação"** (Ed Loyola, 1ª Ed 1994**),"Pesquisa Social e Ação Pedagógica"** (Ed. Loyola, 1ª Ed 2002) e **"Cidadania, Poder e Comunicação"** (Ed Cortez, 1ª Ed 2002), todos reeditados constantemente e ainda hoje em catálogo. Os artigos para revistas universitárias, como também sua participação em coletâneas com outros autores, contam-se às dezenas, e não vale a pena enumerá-los aqui. Afinal, foram 25 anos de magistério.

Ultimamente vinha interessando-se por alguns temas e projetos específicos, desenvolvendo-os lentamente, "ao sabor do tempo disponível":

> 1) estava interessado em desvelar a ocorrência histórica de aspectos característicos da Modernidade em momentos anteriores à Modernização clássica e aos Modernismos que foram sua expressão cultural;
>
> 2) buscava perscrutar expressões de modernidade presentes em aspectos da tradição cultural popular e resquícios folclóricos ainda vigentes por alguns rincões regionais interioranos;
>
> 3) queria estabelecer objetiva e definitivamente o conflito insolúvel existente entre Moral e Moralidade na obra de Fiódor Dostoievski, demonstrando que a ética cristã do autor era insuficiente para solucionar tal conflito.

Em relação ao primeiro item apegou-se a Antonio Vieira, cuja formação, atividade e cosmopolitismo tornavam-no figura ímpar em sua época, encerrando em si as contradições e turbilhão típicos da modernidade: homem de Estado de um reino absolutista em decadência, religioso evangelizador numa colônia escravocrata, intelectual dilacerado por um nacionalismo que perdia seu brilho tirando sua riqueza através de um modo de produção francamente anti-cristão no aspecto moral e já insuficiente no aspecto econômico.

> *"Em alguns sermões de Vieira vê-se claramente, por baixo do estilo barroco típico então vigente, pomposo e majestático, mais dilaceramento existencial, crise de consciência e dilemas intelectuais e políticos insolúveis do que na "Nova Heloísa", de Rousseau. O político, o intelectual e o religioso conviviam em corrosão moral, desencanto político e pasmo da fé. Aliás, o próprio estilo fundava-se em oposições, efeitos, retórica inócua e antinomias... Vieira teve que bater de frente contra o próprio estilo da escrita de sua época para dizer o que precisava, e ser moderno."*(sic) (Paulo Meksenas).

Em relação ao segundo tópico foi buscar em Euclides da Cunha a ponte entre a modernidade de Vieira e a modernidade de um Brasil que se via pujante e europeizado, integrando agora o rol das "nações soberanas". "Os Sertões" expressariam tanto os resquícios de uma religiosidade folclórica, messiânica e rústica, porém belicamente resistente em sua autenticidade, e a barbárie exterminadora típica da modernidade que "destrói para construir" (Nietzsche). A modernidade do episódio de Canudos e da figura do Conselheiro estariam estampadas na própria rejeição e resistência a uma época e sociedade que solapavam valores de humanização e agregação social em prol do progresso implacável, sem nome e sem rosto, propiciado e exigido pelo capitalismo que então se impunha.

Ainda neste tópico, iria procurar em Guimarães Rosa a existência e vigência dessas relações pré-capitalistas (se podemos dizer assim) desafiando a modernidade, por um lado, e por outro incorporando a seu modo aspectos dessa própria modernidade. Estudava os contos "A Volta do Marido Pródigo", "Duelo", "Soroco, Sua Mãe, Sua Filha", "A Terceira Margem do Rio" e trechos de "Grande Sertão: Veredas".

> *"Euclides é <u>um jornalista</u> – profissão típica da modernidade, tendo surgido com a própria modernidade "clássica"!!!- que se vê em meio a uma matança, um verdadeiro genocídio praticado em nome <u>do progresso</u> e <u>da soberania nacional</u> (ambos os conceitos típicos da modernidade !!!)l. Parece-me que em alguns momentos ele vai trocar a caneta com que escreve as reportagens da guerra pelo fuzil de algum beato caído dentro do arraial em chamas. Sua consciência moral impede-o de aceitar as razões oficiais da expedição, mas isso implicaria em rejeitar a própria modernidade; sua modernidade entra em crise na dúvida da necessidade da regressão humana à selvageria e à barbárie para chegar ao progresso. Eu soube – agora não lembro onde, preciso vasculhar seus textos, se você souber me dê a dica – que ele chamava Haussmann de "O Assassino de Paris" rsrsrs – isso vai dar pano pra manga rsrsrs, vou extrair tudo o que puder, não vai ficar pedra sobre pedra rsrsrs"(...)*(sic).

> "(...) *Eu acho que dá pra demonstrar que o sertanejo do Guima (mas não o caipira do Lobato) é um baita de um moderno; melhor dizendo, ele não está deslocado na modernidade: ele adaptou-a a seu modo para seu uso em seu próprio meio. Cê vai ver. Acho que indo por aí dá pra renovar o conceito congelado e acadêmico de "Modernidade".(...)"*(sic) (Paulo Meksenas)

Já Dostoievski (tema de um 3º projeto) é paixão recente. Paixão, deslumbramento e acanhamento. O que lhe chama a atenção é o humanismo do romancista russo, calcado num cristianismo arraigado e sincero. Ao debruçar-se sobre a sociedade e o homem de seu tempo, contudo, Dostoievski não pode deixar de perceber e angustiar-se com a defasagem entre o humanismo e a humanidade. Sua obra é a tentativa de resgatar o gênero humano diante da parvoíce, egoísmo e brutalidade em que está enrascado, pois acredita em sua recuperação. O desnível entre humanismo(ideal) e humanidade(real)

seria superado pela ética cristã, a qual, por sua vez, é de extrema complexidade quando aplicada aos atos humanos. Dostoievski debate-se ante o dilema, procura ver-lhe todos os seus aspectos, auscultar-lhe todos os tons, enxergar todas as nuances possíveis. "O Jogador", "Crime e Castigo" e "Os Irmãos Karamazov" forneceriam a matéria prima a ser trabalhada e cotejada com a Moral na acepção kantiana e a Moralidade como expressa nas obras dostoievskianas.

> *"(..) e não concordo contigo quando diz que no final de "Crime e Castigo" o Fiódor forçou a barra. Que o final parece truncar estilística e logicamente a narrativa de todo o romance, que foi enfiado à fórceps no romance só pra fazer prevalecer a possibilidade de redenção do Raskolnikov. Ao contrário de você, acho que o Raskolnikov arrependeu-se do crime logo no dia seguinte, e o caminho natural seria entregar-se mesmo, tanto que ele tentou fazer isso. O Fiódor acha, sim, que ele tem salvação, que não é um assassino vulgar, e ele quer que isso seja levado em conta.E aí é que concordo contigo: quem não dá conta dessa posição do Fiódor é o Kant; então manda a konta pro Cant rsrsrsrsrsrs demonstrar isso vai me dar um trabalho do caralho, com rima e tudo. O fato é que a conversão do Raskolnikov não resolve tudo, não o absolve do crime, nisso eu concordo contigo; a moral (ou a ética) cristã não resolve os problemas do homem e do mundo, como o Fiódor gostaria que fosse (...)*(sic)
>
> *(...)"Quem poderia dizer que o Ivan é um monstro?Quem atira a primeira pedra? Naquelas circunstâncias eu ou você seríamos melhores que ele, agiríamos diferente? Aí é que está o problema: não existe 10% de Moral, ou 90% de Moral – ou é Moral 100% ou não é Moral. Acho que a Moralidade do Ivan é Imoral, não dá pra esquecer do Kant numa hora dessas, pô!!!(...)*(sic*)*
> (Paulo Meksenas)

Estes são os projetos mais consistentes, nos quais vinha trabalhando lentamente. Mas ainda tinha em mente caracterizar em linhas gerais qual o marxismo de Sartre e como ele se colocava na tradição marxista, e para isso pensava em utilizar também a ficção do pensador francês, especialmente a trilogia de romances "Os Caminhos da Liberdade". Pensava também em definir de uma vez por todas qual a posição (ou posições) política e ideológica de Albert Camus, através de "O Estrangeiro", "A Peste", "A Queda", "O Mito de Sísifo" e "O Homem Revoltado".

Para tais estudos (como também para a bibliografia didática e de apoio utilizada em sala de aula) utilizava como ferramenta o materialismo histórico e a dialética materialista: auria fundamentos em Lukács (o conceito de "totalidade"), Benjamim ("história"), Adorno ("racionalismo instrumental"), Gramsci ("intelectual orgânico" e "hegemonia de classe"), Althusser ("ideologia"), Jameson ("realização cultural como expressão do modo de produção"), Berman e Harvey ("modernidade", "modernismo" e "modernização"), Habermas ("o sujeito na modernidade") cotejando-os com o próprio Marx dos "Manuscritos Econômico-Filosóficos" (em especial o 3º Manuscrito), "A Ideologia Alemã", "O 18 Brumário de Luís Bonaparte" e o Livro I de "O Capital", nos capítulos dedicados à "Mercadoria". Utilizava outros autores de grande envergadura teórica e sólida formação humanística que, embora não sendo marxistas, trouxeram enorme contribuição aos estudos filosóficos e culturais e que vinham a calhar com seus interesses de pesquisa: Edmund Wilson ("Rumo à Estação Finlândia" e "O Castelo de Axel"), Isaiah Berlin ("Os Pensadores Russos" e "O Sentido de Realidade"), Bachelard, Max Weber, Nietzsche, Lacan, Manuel Castells e outros.

Tinha também, é claro, suas idiossincrasias e antipatias "pessoais": adorava Marshall Berman, mas detestava Perry Anderson; venerava David Harvey, mas tinha certa bronca e desconfiança de Antonio Negri; utilizava Foucault, mas desprezava Derrida e os "noveaux philosophes"; respeitava Levy-Strauss; Sartre, porém, não lhe inspirava confiança; sentia necessidade de conhecer melhor Fredric Jameson, mas Terry Eagleton era-lhe totalmente descartável; tivesse que escolher entre Habermas ou Bachelard, ficaria com este último; e outras mais...

Portanto, embora avesso a rótulos, definia-se como marxista (intelectualmente) e socialista (politicamente), embora, ultimamente, cético e desencantado em relação ao socialismo, visto o predomínio absoluto da mentalidade capitalista globalizada e de mercado em todas as instâncias e níveis sociais, a reificação contaminando todas as relações sociais e humanas, o consumismo desenfreado tornando os próprios consumidores em coisas consumíveis. Entendia, contudo, que, por ser um retrocesso em relação à condição humana e à História, o capitalismo acabaria desabando através de suas próprias crises cíclicas e do caos convulsivo que vinha originando.

> *"(...) adotei aquela tua antiga definição de que o Capitalismo é um modo de produção regido pela propriedade privada dos meios de produção dos bens sociais, e o Socialismo como sendo um modo de produção regido pela propriedade social dos meios de produção dos bens sociais. É clara, didática, sintética. A partir daí podemos conceituar a democracia social como apanágio do Socialismo, e a democracia privada como corolário do Capitalismo – a democracia socialista é efetiva e inclusiva, a democracia capitalista é privilégio de classe, meramente formal e exclusiva. Por aí cê vê que o Capitalismo é, hoje, um retrocesso histórico da humanidade, ao contrário do progresso que representou no sec. XIX e até a I Guerra(...) Quer coisa mais selvagem e primitiva que um mercado livre e desregulamentado onde prevalece a lei do economicamente mais forte? Quer melhor exemplo de barbárie do que um regime que privatiza lucros e socializa prejuízos?Quer um absurdo maior do que o Estado de Bem Estar Social ser contabilizado como despesa a ser cortada ?(...) Mas nem prevejo quando nem como isso irá mudar; não saberia te dizer nada quanto a isso"*(sic) (Paulo Meksenas)

III

Finalizando, trago alguns conceitos de que ele tinha forte convicção e fazia constante utilização. Deixemos, portanto, que ele mesmo fale sobre eles:

Autoridade

(...) preparei a aula à exaustão, ralei pra caramba, fiz outras leituras subsidiárias, desenvolvi o tema direitinho - portanto, em sala de aula, eu tenho uma Autoridade da qual não abro mão, porque eu conheço bem o assunto, saca?

Claro que isso não exclui questionamentos e complementos dos alunos, não sou perfeito e às vezes falho, mas normalmente a palavra final é minha, porque eu sei do que estou falando e quando falho sou o primeiro a admitir e a corrigir-me; a merda

é que confundem Autoridade com Autoritarismo.(...) Veja bem: se um aluno que quer aparecer diz que "Kant e o Iluminismo estão ultrapassados e não devem ser estudados", ou "Heidegger era nazista e amigo de Hitler, sua filosofia é descartável" ou "Sartre era filosoficamente nulo, o que ele queria mesmo era beber e pegar suas alunas" – eu não vou deixar passar barato; vou inquiri-lo até o fim, perguntar por seus argumentos, pelos seus fundamentos, pelas fontes teóricas de sua afirmação; ele vai ter de demonstrar teoricamente sua afirmação, vou acuá-lo até ele reconhecer que falou bobagem. Isso é ser Autoritário?Acho que isso é usar de Autoridade.

Eu tenho que ser o árbitro, entende, eu tenho que tomar posição, inclusive para servir como referência para os outros alunos da classe. Isso chama-se docência com decência. Meu pensamento tem compromisso.

Tem professor que deixa rolar, ou porque é mal formado ou não se preparou para a aula que vai dar, ou porque não sabe do que se trata, ou por preguiça, aproveita e promove um debate entre os alunos sobre a afirmação gratuita de um aluno pra se safar, vira um pandemônio, todo o mundo fala de tudo, o cara se omite e diz que é "aula participativa", e no final tudo dá em nada, ninguém fica sabendo a cor do rabo do gato que roubou o queijo(...)"(sic) *"(...) isso é imoral, é ser desonesto intelectual e pedagogicamente com os alunos; Autoritarismo é cercear a liberdade de expressão, a liberdade de reunião, é uma coisa bem diferente de Autoridade, que é transmitir um conhecimento com segurança"(...)* (sic)

"(...)Se você tem dor no joelho, vai no ortopedista, ele te prescreve medicação e tratamento. Você vai dizer que ele é autoritário? Com o professor é a mesma coisa: o professor é um especialista, que estudou, ralou e continua ralando. Esse papo de que "o professor aprende com os alunos" ou "deve haver interação de conteúdo entre professor e alunos para melhor apreensão da matéria" é balela, é papo de quem não está preparado para dar aula. Se todos aprendemos juntos, se é uma troca professor-aluno, então pra que existe a Universidade? Vamos abolir o ensino superior, e sentarmos todos juntos na grama do aterro sob o sol e ficar falando uns com os outros e aprendendo(...)(sic)

"(...)eu acho que aprendo com os alunos quando tenho que preparar uma aula, eles me forçam a pesquisar, atualizar, ler e reler; não estou fechado a contribuições originais e bem argumentadas e demonstradas teoricamente, só que elas raramente acontecem, e geralmente isso ocorre na pós: por 2 ou 3 vezes alunos me questionaram e levantaram aspectos que eu não tinha percebido; reconheci a deficiência, agradeci a colaboração e simplesmente mudei meu ponto de vista anterior(...)"(sic)

Tolerância

"*(...) então eu acho que só podemos respeitar as várias vertentes e variantes que tiveram origem no mesmo vértice; mesmo discordando, convivo e respeito quem segue a linha do Lukács, ou do Habermas, ou do Lênin, até da II e III Internacionais, ou do Mandel, ou do Gramsci, ou do Althusser, ou do Timpanaro, ou do Sartre, até do Plekhanov ou do Kautsky. O que não tolero, não respeito e não convivo é com vertentes que tiveram origem em outro vértice, saca? Como é que vou respeitar Fridmann ou von Hayeck?Isso não é Pluralismo ou Tolerância, isso é falta de identidade intelectual e de ideologia. Falta de compromisso, como sempre."*(sic)

"(...)Não acho que valha a pena você ler intelectuais de direita. O que isso vai te acrescentar? É falta de coerência. Ler Daniel Bell, Anthonny Giddens ou Richard Rorty é perder tempo. Aí os "politicamente corretos" dizem que é pra ampliar o conhecimento. Que nada. Isso é pro pessoal que não tira os pés dos carpetes da universidade, são filigranas intelectuais, pra eles ficarem educadamente debatendo na hora do coquetel, exibição inconseqüente, pra mostrar quem sabe mais do que quem. É masturbação intelectual de professor cujo pensamento não tem compromisso. Isso revela a falta de compromisso do pensamento de que te falei tempos atrás (...)Fredric Jameson, István Mészarós, Slavoj Zizek, Giovanni Arrighi, Beverly Silver, até Deleuze e Guattari – estes são os caras que você tem que ler para saber como está o mundo hoje e a quantas anda o marxismo atual(...)Mas você me assusta: por que veio com esse papo de ler os liberais?Está pensando em mudar de lado e alinhar-se com o Capital e a democracia formal privatizada vigente? É isso, ô animal ???(...) (sic)

Compromisso

*(...) é chato eu ficar me repetindo, mas não dá outra: esse papo de que "devemos tolerar pensamentos diferentes do nosso" ou "aprender a conviver com quem pensa diferentemente de nós" é coisa de intelectual sem compromisso – os caras não tiram os pés dos carpetes de seus gabinetes, estão fora da realidade, a universidade é seu mundinho particular; então, após o expediente, o direitista e o esquerdista se encontram e com uma cordialidade britânica passam a emitir seus discursos contrários; é uma aula de etiqueta, vão tomando seu uísque e debatendo calmamente, e, no final, apertam-se as mãos cordialmente e cada um vai pra sua casa. O que falaram não expressa nenhum comprometimento pessoal deles entre seu discurso e o mundo fora da universidade!!!É conhecimento sem compromisso!!! Queria ver esses intelectuais cada um emitindo seus discursos nos portões de uma fábrica em greve, ou no meio da favela atingida pela enchente, ou na sala de espera de um Posto do SUS com gente morrendo na fila(...)(*sic*)*

(...) quando o conhecimento está comprometido é impossível haver tolerância com o outro lado; se estou alinhado com a democracia social como é que vou conviver e respeitar alguém que se alinha com a democracia privada?(...) o intelectual tem de ir aonde o povo está, nas margens da sociedade, nas beiradas do sistema, porque o povo está impedido de chegar no intelectual; quer missão mais nobre do que ser educador e animador de emancipação dos miseráveis excluídos, sem vez nem voz? Esse é meu compromisso, meu conhecimento está comprometido, não é discurso vazio para falar mansamente nos carpetes acadêmicos. Se meu compromisso é com o bancário, como respeitar e conviver com o banqueiro? Se estou comprometido com o peão, como ser amigo do latifundiário? Não posso acender uma vela a Deus e outra ao Diabo, ser agente duplo do conhecimento, entende? Esse papo de tolerância é pra quem não sai de cima do muro, é cortina de fumaça pra encobrir a falta de compromisso(...)(sic)

(...)e, portanto, conhecimento pressupõe compromisso, compromisso do que se conhece e de quem conhece com uma dada realidade externa; o pensamento se realiza no compromisso, e o compromisso pressupõe um conhecimento que o torne conseqüente; o conhecimento não pode ter a finalidade em si mesmo, senão se estiola (gostou dessa? rsrsrs)(sic) (Paulo Meksenas)

Hoje Paulo Meksenas é fotografia. Morreu no dia 22 de junho de 2009, em Florianópolis.

As fotografias reforçam a ausência de quem se fez presente um dia. Reveladas, mostram o vazio que ficou.

Ficará na memória? Isso emociona. Mas quanto tempo dura uma lembrança?

Lutarão a mesma luta em sua homenagem? Isso é nobre. Mas ele estará ausente.

Servirá de modelo e inspiração? Isso é lindo. Mas não o substitui.

De seu restaram os esboços, rascunhos e projetos que ficaram pendurados no varal do futuro, sem tempo de terem sido recolhidos. E ficarão lá, à espera do futuro. Enquanto o futuro for passando, serão levemente levados pela brisa do tempo, e o tempo, o tempo faz esquecer.

Teresópolis, 24 de junho de 2009.

É isso aí, Jacu. Sei que não é chegado a essas coisas e não aprova meu gesto. Mas eu precisava escrever isso aí, e não deu pra te consultar antes, como eu fazia das outras vezes.

Hoje tem Coringão, vê se assiste pra depois não me ficar perguntando tudo que nem mané. Um gol no Inter, unzinho só, e já papamos a Taça.

E vê se não esquece de me esperar quando eu chegar aí, ô zêmola.

Abraço no Véio e no Vô.

Chau. Fuuuuuuuuuuuuuuuuiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii